



BANCO DE DADOS CULTURAIS, O FIM DA ERUDIÇÃO ELITISTA

Francisco Ruas Santos

Matéria extraída do Boletim do Centro de Informações Culturais 11 (23), de 06 de abril de 1988. O Centro de Informações Culturais foi criado e é dirigido pelo autor.

Primeiramente, os conceitos. Banco de dados é um arquivo de dados de diversas fontes armazenados de forma a poderem ser acessados por vários usuários, arquivo esse em memória magnética. Um banco de dados pode conter várias bases de dados.

A base de dados pode ser entendida como um arquivo de determinado tipo, no sistema peculiar ao banco de dados.

O banco de dados de Cultura Brasileira deve, pois, ser o arquivo de todos os dados cultu-

rais peculiares ao Brasil, desde o século XVI, entendido o termo Cultura como o que está na sigla UNESCO, logo excludente de Ciência/Tecnologia e Educação. Exemplificando, dentro do conceito que para o termo está no *Dicionário* de mestre Aurélio, grande formato, temos que Cultura abrange artes, bens culturais, o complexo arquitetura, o complexo artes gráficas, o complexo espetáculo (complexos da concepção de Celso Kelly), correntes de pensamento e ação cultura alternativa, cultura espi-

ritual, cultura popular, culturas indígenas, imprensa, linguajar brasileiro, literatura, memória nacional, moda, produção e planejamento cultural, principalmente. Cada uma dessas subdivisões, e outras, podem determinar o surgimento de uma base de dados, tal a de Cultos afro-brasileiros ou a de Argumentos para apoio aos produtores culturais, que vem sendo gerada neste Centro, para demonstração, como laboratório que é.

Para que seja gerada uma base de argumentos verdadeiramente nacional, será preciso, em sistema, fazer o levantamento, pelo menos, das *idéias/palavras* peculiares aos argumentos da nossa literatura, existentes em potencial em todos os demais documentos, como jornais, revistas, correspondência pessoal ou livros de cartório, além de, e principalmente, nas obras de História do Brasil e biografias.

Feito o levantamento e armazenamento na memória magnética de computador, isto é, gerada a base de argumentos, o usuário (*cidadão comum* ou *qualquer pessoa*) poderá ler na tela do terminal os argumentos de seu interesse (sugeridos por José de Alencar em sua obra, p.ex) ou para confronto como o que haja elaborado.

Generalizando, o banco de dados culturais deve abranger, além dessa base de argumentos, as de *todos* os assuntos

culturais, inclusive vultos históricos e personagens.

Agora, vamos ao termo *Erudição*.

Segundo o citado dicionário:

- “1. Instrução vasta e variada, adquirida sobretudo pela leitura.
2. Qualidade de erudito.” E este: “Aquele que sabe muito, que tem erudição (1).”

Para ter erudição ou ser erudito no campo cultural, ou ler muito sobre tudo nesse campo, é preciso que uma pessoa disponha de tempo e acesso às fontes do saber. Só por isso se pode ver que os eruditos em Cultura Brasileira, geral ou em qualquer dos seus aspectos, constituem uma *elite*. São sociologicamente os mais poderosos, por serem detentores de informações de que o povo em geral está privado, por falta de condições de acesso às fontes do saber.

Ora, se o banco de dados culturais põe à disposição de todos essas fontes, liquida com a erudição naturalmente elitista. Ou é um meio para se ter a *democracia cultural*.

Mais importante ainda do que atingir-se tão grande objetivo é a possibilidade que o banco de dados culturais oferece ao progresso do Pensamento.

Um conceito de sábio vem a propósito para isso entendermos:

“O erudito é como o corvo que alimenta os seus filhotes vomitando o que comeu. O pensador é como o bicho-da-seda,

que não nos dá folhas de amoreira, mas seda." (Lin Yutang)*

O erudito passará a ser o banco de dados. Quem a este recorrer, com todo o tempo para pensar, poderá ser o produtor, cada vez mais apurado, de

obras de valor.

Não prevalecerão mais, também, as diferenças individuais, como a posse de uma excepcional ou boa memória, pois o banco de dados será o Grande Memorizador, a serviço de todos.



Cel Inf R/1 FRANCISCO RUAS SANTOS – É possuidor de todos os cursos do Exército, além do Curso Avançado de Infantaria, realizado em Fort Benning, EUA, e da Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro. Presidiu a Comissão de História do Exército Brasileiro, do Estado-Maior do Exército, responsável pela edição Histórica do Exército Brasileiro (1972). Nessa função, idealizou o Centro de Documentação do Exército em 1973. Fundou e dirige o Centro de Informações Culturais, do Rio de Janeiro. Desde 1974 dedica-se ao estudo dos sistemas de informações, tendo publicado o Thesaurus do Sistema de Informações de Transportes (1976-1977) e Informação e Indexação.

* Cf. Paulo Ronai, *Dicionário Universal Nova Fronteira de Citações*.